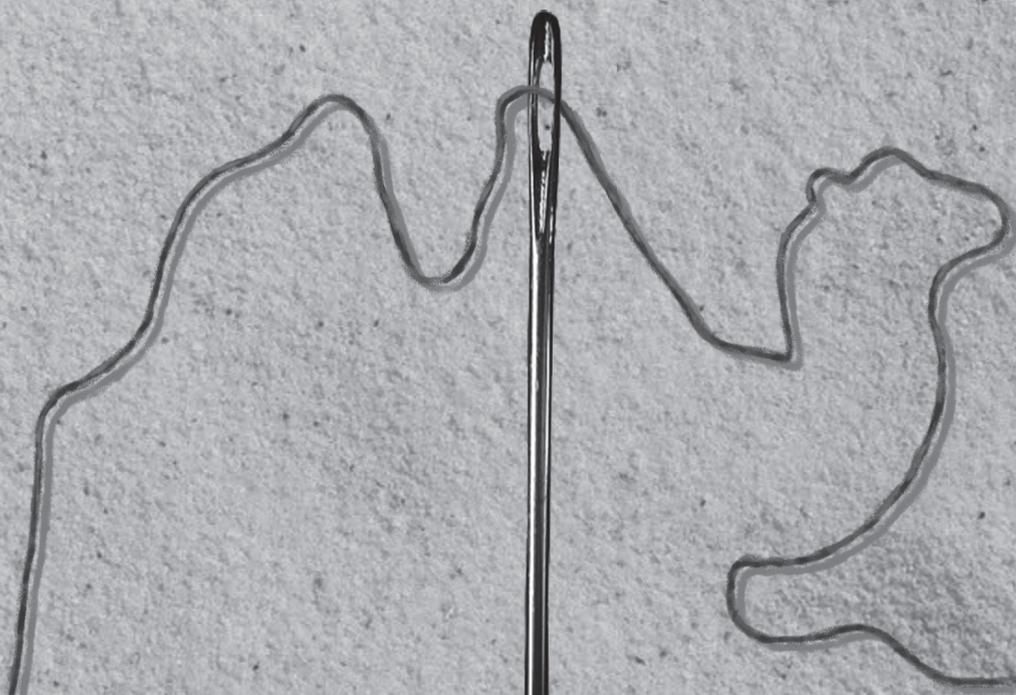


Um milagre para cada corcova

Maria Amélia Elói





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

ARTE DA CAPA E
CARICATURA DA AUTORA
André Cerino

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E48M ELÓI, MARIA AMÉLIA. 1973 -
UM MILAGRE PARA CADA CORCOVA / MARIA AMÉLIA ELÓI. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

150 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-69033-66-0

I. CRÔNICAS I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Quero um sabá pra chamar de meu

Quando me deito, a audição aguça sobremaneira. Escuto a expiração cantante das muriçocas, a flatulência ativa dos intestinos vizinhos, a passagem tosca dos caminhões coletores de lixo. Tenho sono *plumíssimo*. Sedativos bem mais fortes que maracujina não faltam na minha farmácia domiciliar. Preciso de um silêncio de monastério para adormecer e desperto com um espirro de formiga. Para melhorar a qualidade de vida, eu deveria morar no mato ou, pelo menos, em condomínio tranquilo, bem longe do centro urbano. Mas, detalhe: moro perto de um boteco, em frente a uma parada de ônibus, à beira de pista movimentada.

Para descansar de verdade, eu deveria passar férias em praias inóspitas, cidadezinhas interioranas ou em hotéis-fazenda o menos movimentados possível.

Mas é sempre o meu marido quem escolhe os destinos turísticos da família e negocia os pacotes com as agências de viagem. E, ao contrário de minha pessoa, ele adora agitação. É um ser ligado 24 horas, que costuma explorar ao máximo os bares, casas noturnas e todo o tipo de opção de lazer. Por outro lado, para adormecer, basta que o bendito feche os olhos, em qualquer local e ocasião, de parque infantil a *show* de *rock* metálico. As cidades globais o atraem bem mais que a mim. Mas, se eu quiser conservar o esposo, o jeito é acompanhá-lo a esses lugares que nunca dormem.

Então, nessa brincadeira de exaurir mundos inesgotáveis, já fomos a São Paulo, Nova Iorque, Las Vegas, Madri, Tóquio e Paris. Da última vez, rumamos a Telavive, uma cidade que, para minha surpresa, em dias úteis, repousa e deixa repousar ainda menos que essas outras. A referida metrópole cosmopolita do mediterrânea é prato cheio para quem quer novidade, tumulto, taquicardia. Por isso, sofri horrores para conseguir nanar em Telavive, uma terra que vem aliciando cada vez mais estrangeiros de toda a parte do universo. A propósito, vi até extraterrestres por lá, carregando sacolas e sacolas de roupas, sapatos, cremes e bijuterias de marcas internacionais, além de criações modernas de *designers* conhecidos localmente. Na Praça Kikar Hamedina, na Rua Dizengoff e na Rua Hehashmal, transitam compradores compulsivos, mais vorazes que aqueles que presenciei torrando dólares na Quinta Avenida.

Meu marido amou Telavive, principalmente sua face mais boêmia. Num dos momentos *cult* da viagem, tivemos a chance de assistir à Orquestra Filarmônica de Israel. No mesmo dia, após a apresentação, encontramos os mesmos maravilhosos musicistas reunidos na maior farra discotética. Foi até engraçado ver intérpretes de Beethoven, Mozart e Dvorák — ainda vestidos de fraque preto e gravata borboleta branca — agitando o esqueleto numa boate localizada no interior de um daqueles prédios característicos da Cidade Branca. Bauhaus teria aberto um sorriso ao presenciar tamanha modernidade. Estúpido anacronismo, diriam alguns caretas.

Pois sim. Eu só fui redimida da intensidade da urbe Telavive no sabá, dia do descanso sagrado judaico. Pense num dia perfeito para apreciar o silêncio e, aqui ou ali, uma prece. Foi quando, enfim, curti um merecido sono *plumbíssimo*. Realmente, coisa de Deus. Se eu moraria numa cidade que nunca dorme? Talvez até aceitasse habitar em Telavive, já que, pelo menos por lá, o sabá teima em se repetir uma vez por semana.

Um milagre para cada corcova

Foi num passado nem tão pretérito tampouco preterido. A voz grave do saudoso padre Ângelo enfatizava: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”. Tratava-se de uma missa especial para crianças, e ele explicava o Evangelho terçando entre os bancos da igreja, encarando os garotos de atenção dispersa. Alguns colegas tremiam – não sei se de medo do sacerdote grandalhão ou se preocupados com a seriedade da assertiva. Eu tinha uns dez anos, era catequizanda da paróquia e achei aquele negócio muito engraçado. Logo imaginei as duas corcovas presas à entrada do buraco da agulha, forçando para deslizar pela linha-tobogã; enquanto o bicho blaterava (o nome do som que o camelo emite é esse mesmo?),

nervoso por ter de vencer obstáculo intransponível. Um dromedário atravessaria o orifício com sucesso?

A passagem do Novo Testamento tem me acompanhado desde a infância. Já li e ouvi diversas interpretações a respeito: algumas superficiais, outras que “pulam o corguiinho”. Prefiro florear o polêmico trecho do Evangelho a meu bel-prazer. Ontem mesmo eu parabenizava um *Camelus bactrianus* por ter conseguido trespassar o fundo da agulha. O que era impossível aos olhos da comunidade aconteceu. Verdadeiro milagre! Feições esquisitas, 1,60 metro de altura, corcunda, ora desempregado ora fazendo bico, lipidinoso, duas PAs (pensões alimentícias) atrasadas. Requisitos próprios de um mau partido, fadado a dormir para sempre em cama de solteiro? Que nada. O sujeito em questão, colega meu, desposou uma mulher linda, esguia, libidinosa, solteira, bem-sucedida, toda zelosa e apaixonada. Ponto para o camelão!

Outros casos absurdos aos olhos dos homens e que Deus já cansou de fazer acontecer? Milagres que alegram, incidentes que sensibilizam? O repertório é vastíssimo. Assim, de pronto, vou citar alguns. Um brasileiro humilde de pernas tortas, Garrincha, foi herói na conquista das Copas de 1958 e de 1962. O presidente eleito Tancredo Neves adoeceu gravemente na véspera de sua posse, em março de 1985, e morreu sem assumir o cargo. Todos os integrantes da irreverente banda de *rock* Mamonas Assassinas foram vítimas de um acidente aéreo fatal em março de 1996, quando já preparavam carreira internacional. Um aleijadinho, Antônio Francisco Lisboa, foi

o maior representante da arte sacra barroca no Brasil. Um polvo foi o melhor vidente da Copa de 2010: profetizou com 100% de acerto os resultados dos jogos, tendo previsto inclusive a vitória no campeonato pela seleção espanhola.

No meio do caminho tinha um *iceberg*. O Titanic foi outro caso de camelo que trespassou a gretinha. Projetado para ser o navio mais majestoso, mais seguro, de tecnologia mais avançada, mais rápido, mais superlativo de todas as embarcações já construídas até então, o inafundável transatlântico acabou submergindo em sua primeira viagem, há cem anos, matando mais de 1.500 pessoas. “Esse navio nem Deus afunda” – teria dito o marinheiro a uma passageira de primeira classe. De totalmente improvável, a tragédia tornou-se possível. Não por maldade de Deus, mas por imprevidência ou abuso de confiança do homem em sua própria capacidade.

Basta de amostras por hoje. Mas os fenômenos místicos não cessam, assim como a misericórdia divina. Quer saber? As dificuldades e deficiências humanas são tremendas, mas nada é totalmente impossível. Eu, por exemplo, desapegada a riquezas, vou ficar zilionária escrevendo crônicas. Aí, mando construir uma agulha gigante de ouro e sigo com ela para as dunas de Fortaleza, onde compro uma cáfila, enfileiro os camelos e vou ver um por um atravessar o grande orifício na maior facilidade. Quando eu for entrar no Reino de Deus – daqui a no mínimo um século –, o padre Ângelo me receberá com os braços abertos, montado na corcova de seu dromedário.

Delicadeza que humaniza

A sordidez humana continua sendo alimento vital para a literatura. Grande parte dos escritores contemporâneos premiados e festejados pela crítica e público tem-se destacado hoje justamente por conseguir traduzir o que há de mais cruel, indelicado ou apodrecido nas criaturas.

Os personagens dos romances e contos, bem como o eu (cada vez menos) lírico dos poemas, tendem a ganhar visibilidade em situações ou ambientes narrativos em que subjagam, agridem física ou psicologicamente, nutrem preconceito, alimentam ódio, pervertem, corrompem, assassina. São sujeitos que não conservam, nem de longe, a imagem e semelhança de Deus.

Outras vezes, não raras, os protagonistas aparecem como meros receptores da vilania alheia – como seres



www.editorapenalux.com.br

 ameliaeloi@terra.com.br

 [/amelia.eloi](https://www.facebook.com/amelia.eloi)